

Diálogo entre geografia e música: os gêneros rap e reggae na construção do conhecimento geográfico

Dialogue between geography and music: rap and reggae genres in the construction of geographic knowledge

Diálogo entre geografía y música: los géneros rap y reggae en la construcción del saber geográfico

Glaycon de Souza Andrade e Silva¹ , Deborah Cristina da Rocha¹ ,
Gleyber Eustáquio Calaça Silva¹ , Luís Otávio Rocha Castilho¹ ,
Ewerton Ferreira Cruz¹ 

¹ Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais , Belo Horizonte, MG, Brasil

² Universidade Federal de Minas Gerais , Belo Horizonte, MG, Brasil

RESUMO

A geografia é o saber que propicia compreender e analisar o mundo em que se vive, portanto, para abstrair e consolidar os conhecimentos, deve-se associá-lo ao cotidiano em sociedade incorporando os conceitos à vivência dos discentes. Sendo assim, o presente artigo tem por objetivo analisar o emprego de músicas para o desenvolvimento de temáticas e competências da Geografia com alunos da educação básica de uma escola estadual localizada na cidade de Belo Horizonte, compreendendo como os mesmos constroem uma visão crítica acerca da sociedade contemporânea. A metodologia pautou-se na análise das atividades aplicadas junto aos alunos do ensino médio, regular e EJA, as quais se fundamentam nas habilidades de leitura, escrita e interpretação de letras de músicas dos gêneros Rap e Reggae que abordam temáticas do capitalismo e da globalização. Após a aplicação das atividades, os resultados analisados demonstraram que os alunos souberam desenvolver a capacidade analítica, o senso crítico e o diálogo entre arte musical e geografia por meio de redações que abordavam as mazelas e benesses do capitalismo e, além disso, os distintos impactos da globalização em países centrais e periféricos.

Palavras-chave: Geografia; Música; Prática de ensino; Educação básica

ABSTRACT

Geography is the knowledge that makes it possible to understand and analyze the world in which one lives, therefore, to abstract and consolidate knowledge, it must be associated with everyday life

in society, incorporating the concepts with the students' experience. Therefore, this article aims to analyze the use of music for the development of Geography themes and competences for students of basic education of a state school, located in the city of Belo Horizonte, understanding how they build a critical view about the contemporary society. The methodology was based on the analysis of activities applied to high school, regular and EJA students, which are based on the skills of reading, writing and interpretation of music lyrics of the Rap and Reggae genres which address themes of capitalism and globalization. After the application of the activities, the analyzed results show that the students were able to develop analytical skills, critical thinking and the dialogue between musical art and geography, through essays that addressed the ills and benefits of capitalism, and, in addition, the different impacts of globalization on central and peripheral countries.

Keywords: Geography; Music; Teaching practice; Basic education

RESUMEN

La geografía es el conocimiento que permite comprender y analizar el mundo en que se vive, por lo tanto, para abstraer y consolidar el conocimiento, se debe asociar con la vida cotidiana en sociedad, incorporando los conceptos con la experiencia de los estudiantes. Por lo tanto, este artículo tiene como objetivo analizar el uso de la música para el desarrollo de temas y competencias de Geografía para estudiantes de educación básica de una escuela estatal, ubicada en la ciudad de Belo Horizonte, comprendiendo cómo construyen una visión crítica sobre la sociedad contemporánea. La metodología se basó en el análisis de actividades aplicadas a estudiantes de secundaria, regular y EJA, las cuales se basan en las habilidades de lectura, escritura e interpretación de letras de música de los géneros Rap y Reggae que abordan temáticas del capitalismo y la globalización. Luego de la aplicación de las actividades, los resultados analizados muestran que los estudiantes lograron desarrollar la capacidad analítica, el pensamiento crítico y el diálogo entre el arte musical y la geografía, a través de ensayos que abordaron los males y beneficios del capitalismo, y, además, las diferentes impactos de la globalización en los países centrales y periféricos.

Palabras-clave: Geografía; Música; Práctica docente; Educación básica

1 INTRODUÇÃO

O processo de ensino-aprendizagem atualmente tem se tornado cada vez mais desafiador e volátil no que diz respeito às evoluções constantes nos campos metodológicos e tecnológicos da educação, o que impacta diretamente todas as disciplinas curriculares. No âmbito da Geografia não é diferente, pois diante da sociedade da informação e de alunos que se enquadram na geração Z, considerados nativos digitais e autodidatas das novas tecnologias, as práticas didáticas têm necessitado de transformações constantes para que as aulas de Geografia se tornem

cada vez mais atrativas e o processo de aprendizagem seja consolidado junto a essa nova geração. É necessário compreender a Geografia como um saber conectado ao presente, que necessita de renovação contínua. Dessa forma, na escola, a Geografia não deve ser mais uma matéria enciclopédica voltada à memorização de conceitos e ao reconhecimento de atributos do espaço geográfico de maneira fragmentada. Ao invés disso, ela deve propiciar ao sujeito a capacidade crítica de análise do espaço e da organização territorial, em distintas escalas e temporalidades, por meio da transposição didática à realidade vivenciada pelo discente.

Para tanto, a fim de superar a problemática da distração dos alunos e concentrar a atenção no conteúdo geográfico ministrado, tem sido cada vez mais recorrente o emprego de recursos audiovisuais enquanto ferramentas didáticas para o processo de ensino-aprendizagem. A partir disso, o presente estudo tem como objetivo compreender como as músicas podem ser recursos para o desenvolvimento de temáticas e competências geográficas para alunos da educação básica. Na formulação e execução dessa prática, utilizou-se de músicas dos gêneros *Rap* e *Reggae* que abordassem o eixo temático “Os cenários da globalização e fragmentação” e desenvolvessem as seguintes habilidades: “Compreender a produção do espaço na tensão da globalização e fragmentação” e “Compreender a organização do capital no espaço da produção global”, ambas de acordo com o Currículo Referência de Minas Gerais (CRMG) (Minas Gerais, 2019).

Ressalta-se que o CRMG possui como parametrização a Lei 13.415, de 16 de fevereiro de 2017, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), a Resolução CNE/CEB nº 3, de 21 de novembro de 2018, a qual atualizou as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, e a Resolução CNE/CP nº 4, de 17 de dezembro de 2018, instituindo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para a etapa Ensino Médio (Brasil, 2017; 2018a; 2018b).

Tendo em vista o cumprimento do planejamento curricular proposto e sua

aplicabilidade em sala de aula, é papel do professor construir métodos didáticos que facilitem a compreensão e reprodução dos conhecimentos por parte do aluno. Assim, o professor ocupa o papel de mediador em sala de aula que possibilita alcançar o raciocínio geográfico e o pensamento espacial, por meio da análise de objetos e fenômenos que se relacionam no espaço.

Logo, como supramencionado, mostra-se necessária a aplicabilidade do conceito de transposição didática cunhado por Chevallard (1991), a partir de três níveis de saberes: o saber sábio, o saber a ser ensinado e o saber ensinado. Sendo o professor o detentor do “saber sábio”, que foi constituído a partir de bases científicas em sua formação no ensino superior; o “saber a ser ensinado” trata-se das teorias e conceitos que são transmitidos ao longo do processo formativo de acordo com a base curricular e as necessidades socioeducacionais; e, em última instância, o “saber ensinado” é quando os discentes compreendem e incorporam tais saberes a sua bagagem intelectual e os transpõem de forma crítica em seu cotidiano. A partir das contribuições de Chevallard (1991), Pagliochi *et al.* (2019) definem:

[...] O saber passa por **processos de transposição didática**, que tem por fim elencar quais elementos, do conhecimento historicamente construído, estão relacionados com as demandas de determinada sociedade e com os objetivos educacionais. [...] as mudanças propostas no ensino do saber têm por objetivo torná-lo acessível aos alunos. Sendo assim, são preocupações desta etapa: a maneira como esse **conteúdo será apresentado** aos alunos de forma contextualizada à sua realidade; as **adequações à linguagem adequada** para cada nível e o atendimento aos objetivos da disciplina. (Pagliochi et al., 2019, p. 2-4, grifo nosso)

Dessa maneira, os conteúdos geográficos devem estar em consonância com o cotidiano e as vivências dos estudantes para que eles atribuam significância aos saberes apreendidos. Para demonstrar tal práxis pedagógica, o presente texto encontra-se estruturado nas seguintes etapas: introdução, abordando a necessidade de renovação da prática docente por meio de novas metodologias de ensino, os parâmetros curriculares apreendidos, o problema de investigação e o objetivo da pesquisa; na etapa metodológica

é discutido o método, sendo descritos os recursos utilizados, os sujeitos da pesquisa e o objeto de análise; no estudo de caso serão analisados os recortes de respostas e resultados da atividade avaliativa empregando as associações entre geografia e música na compreensão da globalização; e, por fim, nas considerações finais será identificada a aplicabilidade do método e suas possíveis lacunas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O presente artigo congrega duas áreas do saber, havendo, por um lado, princípios pedagógicos de transposição didática e, por outro, a Geografia da Música (ou musical) vista como possibilidade de ferramenta de ensino. Portanto, o diálogo se dá pelo processo de ensino-aprendizagem. Essa relação possui alguns desdobramentos no ensino da Geografia, sendo cada vez mais recorrentes no debate acadêmico estudos de caso versando sobre o uso de elementos artísticos como suporte ou material didático em diversos temas. Esta seção busca fazer alguns apontamentos gerais dessa perspectiva.

Na Geografia, Corrêa e Rosendahl (2007, p. 13) lembram duas interseções mais evidentes com a música: a letra das canções, pois muitas “possuem uma explícita referência espacial, constituindo-se em verdadeiras celebrações de lugares ou, ao contrário, em contestações referenciadas às condições de vida em determinados lugares”, e as próprias melodias, nas quais “há nítida correlação entre música e região”. Lembra-se que a subárea da Geografia Cultural denominada Geografia da Música lança-se sobre uma série de elementos sonoros e musicais como forma de produção coletiva do espaço e na própria apreensão individual que se tem dele. Sobre isso, Tuan (2013) lembra a necessidade de o geógrafo permitir-se explorar outros sentidos para além da visão:

Um geógrafo fala como se seu conhecimento sobre espaço e lugar fosse obtido exclusivamente de livros, mapas, fotografias aéreas e levantamentos de campo. Ele escreve como se as pessoas tivessem apenas mente e visão e nenhum outro sentido com o qual apreender o mundo e nele achar significado. (Tuan, 2013, p. 222)

Assim, vislumbra-se que músicas não apenas contém informações de cunho espacial como também podem auxiliar nas aulas de Geografia. Silva (2015) revela que propostas desta metodologia didática podem ser uma forma de romper com os tradicionalismos da memorização mecânica, sobretudo nas aulas da referida disciplina, muitas vezes desempenhadas em um contínuo “decorar e repetir”. A autora ainda pontua o cuidado necessário e, às vezes, esquecido, de se contextualizar o uso de uma música em sala de aula, correlacionando-a com o conteúdo ministrado. Portanto, a música pela música, sem um propósito claro no plano de aula, pode se tornar apenas um passatempo improdutivo. Caso bem trabalhada, como mostra Kaercher (2007b, p. 32), a música pode trazer resultados satisfatórios, “na medida em que os alunos participam mais das aulas, rompem um pouco a sua inibição e aquela ideia de que geografia é maçante e restrita aos livros ou ao discurso do professor”.

A música de interesse para as aulas de Geografia deve conter algum laço comunicativo com formas, processos e fluxos espaciais. Logo, a canção deve ser escolhida com rigor pelo professor, pois não são todas as músicas passíveis de se trabalhar didaticamente. A função do docente torna-se primordial, do planejamento da aula a sua condução, para que em “nome de uma busca por novas linguagens, não se cometa erros que distanciem os alunos de um processo de aprendizagem, em que a capacidade de análise e a reflexão faz-se extremamente necessária”, lembram Oliveira e Holgado (2016, p. 90-91). O objetivo do uso da música deve ser considerá-la como um produto do cotidiano, que se apoia em vivências, saberes e observações de seus compositores, os quais almejam transmitir alguma mensagem, passível de contemplação, análise e estudo.

A música aqui nos serve como um espelho da sociedade e de suas relações com o meio. Com suas letras, suas construções sonoras, seus instrumentos, a música nos fala, muito além da simples distração e diversão, a música pode ensinar, pode levar alunos a vivenciar sentimentos e experiências, pode enfim apresentar aos alunos e professores uma nova Geografia, capaz de produzir além de conhecimentos puros, uma educação plena, completa. (Godoy, 2009, p. 05)

Dentre os benefícios didáticos para a Geografia, menciona-se primeiramente a ponte entre a Geografia acadêmica e a Geografia da educação básica. É notória que a transposição de conteúdo é complexa e carece de uma aproximação com a vivência e realidade do aluno para se dar de modo profícuo. A música pode, neste caminho, promover a “reflexão coletiva em sala de aula sobre conceitos da Geografia, estimulando a estruturação de conceitos científicos em conceitos escolares através da observância de dois elementos: cotidiano/vivência do aluno e a relação dialógica aluno-professor-aluno”, diz Fuini (2013, p. 94). Velloso (2020, p. 15) faz um balanço de seu trabalho em concordância com a afirmação anterior, mostrando que a adoção musical no ensino geográfico leva “ao debate, a interligação entre a Geografia Acadêmica e a Escolar, reflète aspectos que retratam a realidade dos alunos ou que os faça comparar com a sua própria”. Há na música a viabilidade de aproximar conceitos e temas da Geografia com a realidade social dos discentes, inclusive, aproximando-os de suas preferências musicais e identidades sonoras compartilhadas em grupo (*funkeiros, punks, headbangers, rappers, etc*).

Outra contribuição da música está na quebra da rigidez da sala de aula, sobretudo no ensino básico brasileiro. Cabe lembrar, valendo-se de Soares, Batista e Braga (2016, p. 3-4), que toda sociedade produz música, transmitindo imagens do seu espaço vivido, ou seja, a música é capaz de “transmitir imagens de um lugar, podendo servir como fonte primária para entender o caráter e a identidade dos lugares”. Consolida-se então como uma forma de conectar os alunos a espaços longínquos da própria localização escolar, tendo o “poder de nos transportar para lugares que somente os caminhos da nossa mente conhecem”, ressaltam Oliveira e Holgado (2016, p. 86), superando assim os muros das escolas. Em complemento, os autores afirmam:

(...) o trabalho com a música nas aulas pode transpor o aluno para outras dimensões que não apenas aquela física da sala de aula. Pode fazer com que este reflita sobre a sociedade a qual está inserido e, assim, entenda-a, critique-a, torne-se agente participante das diferentes pautas sociais. A música tem o poder de falar o que milhares de discursos não fariam, pois, em cada palavra cantada surge a imaginação de outros elementos

e sensações que extrapolam a letra da música. A música, assim como as outras alavancas para despertar os outros sentidos (paladar, tato, visão, olfação) nos leva a viajar por espaços que a condição escolar ou as barreiras físicas e financeiras não deixariam levar nossos alunos. (Oliveira; Holgado, 2016, p. 101)

Diante das informações desta seção, nota-se que há um universo de abordagens teórico-analíticas que podem ser realizadas acerca da relação ensino-música-geografia. No presente trabalho, optou-se pelas referências supracitadas para subsidiar a investigação. Sendo assim, percebe-se que o manejo de canções em aulas de Geografia pode ser benéfico e proveitoso, desde que seguidos alguns critérios por parte do professor. As experiências trazidas pelas referências deste tópico consolidam-se como fontes de inspiração e incentivo para o exercício da reflexão musical no ambiente escolar, permitindo que o presente artigo se projete como mais uma descrição dessa experiência docente, agregando novas observações da sala de aula e firmando mais músicas para o amplo acervo musical de interesse geográfico.

3 METODOLOGIA

Para a realização da prática docente, o professor tem de executar um planejamento prévio que compreenda o planejamento curricular, trata-se dos conteúdos e habilidades dispostos ao longo de todo o ano letivo de acordo com o CRMG da disciplina e a BNCC. Nesse sentido, se constrói o plano de aula que diz respeito à temática da aula, ao objetivo ou objetivos a serem alcançados, aos conteúdos ministrados, à estrutura das atividades, aos recursos didáticos empregados, aos métodos avaliativos e às referências bibliográficas. A partir desses planejamentos pré-estabelecidos, o docente tende a executar métodos de ensino, sejam eles básicos — como aula expositiva — ou aperfeiçoados — como uso de softwares, reprodução de conteúdos audiovisuais, entre outros —, para lecionar. Segundo Vieira e Sá (2007 apud Muniz, 2012), o método diz respeito à prática e ao cabedal teórico empregado para abordar determinada temática e, conseqüentemente, alcançar o objetivo estabelecido no plano de aula. Dessa maneira,

junto ao método, o professor tende a lançar mão de recursos didáticos que propiciem uma dinamicidade e facilitem a compreensão da matéria.

Contudo, como ressalta Muniz (2012, p. 80), é perceptível que “não é o fato de fazermos uso de um bom recurso que vai garantir uma aprendizagem eficiente ao aluno, nem mesmo o recurso vem suplantar o papel do professor, mas auxiliá-lo”, ou seja, o recurso didático de maneira alguma substitui o professorado e deve ser entendido como suporte da prática docente. Tal prática, a qual sofreu diversas transformações ao longo dos anos, acompanhando a modernização da sala de aula e as exigências do mercado de trabalho.

Nessa ideia de renovação didática, Kaercher (2007a, p. 31) complementa que “defende a ideia de uma Geografia que dialogue mais com o cotidiano do aluno, não estou propondo um modismo, uma novidade como panaceia para nossa ação didática”. Assim, para aproximar os discentes dos conteúdos geográficos, as mídias audiovisuais têm sido comumente utilizadas como recursos pedagógicos na educação básica, como é o caso da música.

Desta maneira, o presente estudo baseia-se em uma metodologia de pesquisa qualitativa de caráter descritivo que pretende analisar as participações, relatos e resoluções de uma atividade avaliativa junto aos alunos do segundo ano do Ensino Médio, nas modalidades Regular e Educação de Jovens e Adultos (EJA), da Escola Estadual Maurício Murgel localizada na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais. A atividade consistia na análise das canções *Globalização – o delírio do dragão* de Tribo de Jah (1998)¹ (ver quadro 1), correspondente ao gênero *Reggae*, e *Profissão Perigo* do rapper Rodrigo Ogi (2009)² (ver quadro 2), do gênero *Rap*, reproduzidas por meio de um celular conectado a uma caixa de som, para que os alunos ouvissem e analisassem.

¹ Link para acesso ao videoclipe e a letra completa: <https://www.youtube.com/watch?v=ZyWjvI7EiU4>

² Link para acesso ao videoclipe e a letra completa: https://www.youtube.com/watch?v=mv_Lh5mmbjk

Quadro 1 – Capa do disco *Reggae na estrada* (1998) e letra da música *Globalização – o delírio do dragão* de Tribo de Jah

<p>Música: Globalização - o delírio do dragão Artista: Tribo de Jah</p> <p>Na na na na na na hey Na na na na na na hey Reggae na estrada</p> <p>Vivendo como nômade Rolando o reggae mundo afora Correndo o corpo do planeta Enquanto o tempo nos devora</p> <p>Viajando sem fronteiras Pela estrada, pelos ares Cruzando as tribos regueiras De todos lugares</p> <p>Na na na na na na hey Na na na na na na hey Reggae na estrada</p> <p>Tarde de chuva breve Bruma sobre os montes Caminho em curvas Cheiro verde, vista extasiante</p> <p>Noite de lua, céu cintilante A lua semi-nua acentua A sensação de estar distante</p> <p>Eu não consigo parar de pensar Na hora de te ver, na hora de chegar</p>	<p>Manhã de tons azuis Seduz a começar de novo Jah é a luz que me conduz A música meu consolo Coração em fuga seguindo Em nova viagem O reggae envolve e muda Com a velocidade, a paisagem</p> <p>Eu não consigo parar de pensar Na hora de te ver, na hora de chegar</p> <p>Eu gosto do jeito Que você mexe e você faz Quando cê dança e se balança O seu jeitinho é demais Não importa o que dizem O que podem pensar Quero estar com você em todo lugar</p> <p>Belém-Brasília, Buenos Aires, Bali Sampa ou São Luiz Em Cayena ou Macapá em Londres ou Paris Descendo a serra, seguindo o litoral No sertão ou no cerrado, no Planalto Central</p> <p>Na na na na na na hey Reggae na estrada Na na na na na na hey Reggae na estrada</p>
<p>Eu gosto do jeito Que você mexe e você faz Quando cê dança e se balança O seu jeitinho é demais Não importa o que dizem O que podem pensar Quero estar com você em todo lugar</p> <p>Rio-Bahia, Criciúma, Vitória ou Guarapari Pode ser no Japão ou então no Havai Caribe, Califórnia, Canadá ou Cariri Além do horizonte, pra lá de logo ali</p>	<p>Álbum: Reggae na estrada (1998)</p> 

Fonte: *Spotify* (2022)

A primeira música, de *reggae*, foi trabalhada com a turma do Ensino Regular e a segunda música, o *rap*, foi apresentada aos alunos do 2º ano EJA. Ressalta-se que foi permitido, em ambas as turmas, a utilização dos *smartphones* para a reprodução das músicas pelos discentes, utilizando-se de *QR-Codes* para acesso direto aos vídeos no *Youtube*.

Quadro 2 – Capa do disco *Crônicas da cidade cinza* (2009) e letra da música *Profissão Perigo* de Ogi

<p>Música: Profissão Perigo Artista: Rodrigo Ogi</p> <p>Demorô vai, vai</p> <p>Sigo desviando a muvuca, meu patrão no pescoço Um oitão na minha nuca, e já passou do almoço Um baú na garupa, vou de moto a milhão Se não a entrega que carrego comigo catuca</p> <p>A busca por dinheiro sufoca, machuca No corredor quase bati a motoca na fuca Mas tô ligeiro no piloto, eu não durmo de touca Toma cuidado, sai da frente, tiazinha, tá louca</p> <p>Reflexo apurado, cachorro maluco Fumaça gruda até no forro do meu bombojaco Peço passagem por dentro, atento às ruas do centro O escapamento no tunel faz eco</p> <p>A malandragem aplico, retrovisores cutuco Com a buzina eu abro espaço no horário de pico Conheço todos os trajetos dessa capital Correr já é parte do meu ritual</p> <p>Filho do stress paulistano, dessa cidade maluca Mas eu já sou veterano, conheço as arapucas Que esse gigante preparou pra nos capturar Tem que ser profissão perigo para se salvar</p> <p>Filho do stress paulistano, dessa cidade maluca Mas eu já sou veterano, conheço as arapucas Que esse gigante preparou pra nos capturar Vem comigo que eu vou lhe mostrar</p> <p>Eu vejo uma ambulância com sinal de emergência Pede passagem à distância, pede com muita urgência Intolerância e demência, e o ar é só toxina E a violência domina a rotina</p>	<p>Passei por uma carreta, segui a pista direta Madame que não deu seta, quase parei na sarjeta Logo vejo um chevette vindo na minha bota E um kadett com alfinete prendendo a calota</p> <p>Eu tive que dar a fuga pra não arrumar uma briga Com motorista tartaruga, evito a fadiga Na vinte e três de maio o trânsito engarrafou Mas como eu sou um veterano sei pra onde vou</p> <p>Caí numa ruazinha bem no metrô paraíso O meu bote foi ligeiro, certo, preciso Pois eu conheço os trajetos dessa capital São e salvo eu chego no final</p> <p>Filho do stress paulistano, dessa cidade maluca Mas eu já sou veterano, conheço as arapucas Que esse gigante preparou pra nos capturar Tem que ser profissão perigo para se salvar</p> <p>Filho do stress paulistano, dessa cidade maluca Mas eu já sou veterano, conheço as arapucas Que esse gigante preparou pra nos capturar Vem comigo que eu vou lhe mostrar</p> <p>Álbum: Crônicas da cidade cinza (2009)</p> 
---	---

Fonte: Spotify (2022)

4 GEOGRAFIA E ARTE: ANÁLISE DO USO DA MÚSICA COMO RECURSO DIDÁTICO PARA COMPREENSÃO DOS CONHECIMENTO GEOGRÁFICOS

Como dito anteriormente, a intenção de promover uma atividade de Geografia associando a uma manifestação artística, neste caso a música, visa instigar a

capacidade criativa, analítica e crítica dos estudantes através da transposição didática dos conteúdos teóricos utilizando como suporte as letras das canções, tendo em vista que ambos os gêneros escolhidos possuem caráter contra-hegemônico e de subversão ao modelo de sociedade vigente. Neste sentido, o presente estudo de caso focalizou em compreender como os discentes interpretam o fenômeno da globalização e suas reverberações nas relações sociais, de trabalho e com o meio ambiente. Para tanto, as análises foram divididas em dois momentos: primeiro, foram analisados os resultados e contribuições dos alunos do 2º ano regular; e, no segundo momento, foram feitas as análises acerca das respostas dos discentes do 2º ano EJA.

Ao efetuar a análise das respostas dos alunos do 2º ano regular sobre o primeiro tópico, “analisar os impactos positivos e negativos da globalização nas sociedades em países centrais e periféricos”, foi possível observar que houve uma reflexão crítica no que diz respeito ao impacto gerado por esse fenômeno geográfico principalmente entre os países do sul global. Observou-se também que esse fenômeno alcança em distintas intensidades as nações devido às distâncias geográficas, às discrepâncias socioeconômicas e à heterogeneidade cultural, fazendo com que a capacidade de penetração ocorra conforme as concepções políticas, sociais e culturais de cada localidade. Dentre os impactos positivos destacados pelos discentes, estão: ampliação da comunicação, desenvolvimento tecnológico, evolução dos meios de transporte, expansão do comércio internacional e melhoramentos na medicina — esse último, dito pelos alunos associado ao surgimento de métodos para cura de diversas doenças e, principalmente, a vacina como forma de prevenção à COVID-19 e superação da pandemia.

Um ponto que se deve destacar nesse primeiro objetivo da tarefa está no fato de que os alunos se dedicaram a discorrer sobre as formas sob as quais a globalização permeia os países subdesenvolvidos. Contudo, não se atentaram em abordar os impactos causados nos países desenvolvidos. Tal análise pode ter ocorrido diante da adoção de uma postura crítica por parte dos discentes, focalizando suas reflexões à realidade que vivenciam cotidianamente no Brasil, um país emergente.

Em relação aos pontos negativos gerados pela globalização, os alunos ressaltaram: “o aumento da poluição gerado pelas fábricas e geração de muito lixo”, relato de Fábio e Maria; “os impactos ambientais devido ao desmatamento, com a perda da biodiversidade e aquecimento global”, resposta de Bruna e Marcela; “o desemprego estrutural”, citado por João e Mário; a “disparidade econômica como reafirmação da desigualdade, enquanto o empresário acumula mais riqueza e as pessoas de baixa renda continuam na miséria”, afirmação de Mateus e Clara. Além disso, houve outros impactos negativos contidos nas respostas compiladas, como: a manipulação de informações, a propagação de epidemias e pandemias, as crises financeiras e as desigualdades sociais — que são decorrentes das análises das canções e dos apontamentos teóricos.

Já no segundo tópico, “a partir da música, identificar as problemáticas da globalização e destacar trechos que ressaltam o papel da música como conscientização e crítica desse fenômeno”, houve consenso entre os respondentes de que a globalização atinge de forma desigual as populações, sendo que as classes sociais mais abastadas tendem a usufruir das vantagens da globalização, e, contrariamente, as classes menos abastadas (como proletários, pobres e marginalizados) tendem a ser exploradas. Quanto aos trechos mais destacados nas atividades, foram os seguintes:

Trecho 1:

No gueto não há nada de novo
Além do sufoco que nunca é pouco
Além do medo e do desemprego, da violência e da impaciência
[...]

Trecho 2:

Não pensam em diminuir ou domar a voracidade
E a sacanagem do capitalismo selvagem
[...]

Trecho 3:

Não se importam com a fome, com os direitos do homem
Querem abocanhar o globo, dividindo em poucos o bolo
Deixando migalhas pro resto da gentinha, em seus muitos planos
[...]

Trecho 4:

Ricos cada vez mais ricos e metidos
Pobres cada vez mais pobres e falidos
Globalização, o delírio do dragão! (Tribo De Jah, 1998).

Ao referenciar os respectivos trechos da canção, os alunos teceram considerações sobre as crises econômicas que assolam os países periféricos e, como consequência, ampliam a fome e a pobreza dos grupos vulneráveis. Além disso, foram evidenciados a capacidade do capital em impor verdadeiras relações de poder entre os indivíduos e o avanço desenfreado do consumo de produtos e serviços, dito consumismo, causando o desperdício em massa que gera efeitos nocivos ao planeta. É importante recapitular que os alunos tiveram como referência uma música *reggae* que evidencia o fenômeno estudado e, com base em seus conhecimentos prévios sobre a temática, identificaram as manipulações do capitalismo, as mazelas sociais e os problemas em diferentes escalas geográficas.

Sobre a aplicação da atividade avaliativa junto a turma do 2º ano EJA, os alunos tiveram como referência o *rap Profissão Perigo* de Rodrigo Ogi, que aborda a rotina e os desafios dos motociclistas, com destaque para os *motoboy*s, que se dedicam profissionalmente ao trabalho de entrega e distribuição de produtos e serviços nas cidades. A música perpassa o espaço urbano da metrópole paulistana, demonstrando as nuances cotidianas da vida desses profissionais, como a pressão que sofrem dos empregadores, a poluição do ar, a violência no trânsito, a destreza para pilotar e os riscos do trânsito caótico de São Paulo. Tais situações são representadas pelo *rapper* Ogi com muita peculiaridade, como observa-se nos seguintes versos:

Eu vejo uma ambulância com sinal de emergência
Pede passagem à distância, pede com muita urgência
Intolerância e demência, e o ar é só toxina
E a violência domina a rotina
Passei por uma carreta, segui a pista direta
Madame que não deu seta, quase parei na sarjeta
[...]
Eu tive que dar a fuga pra não arrumar uma briga
Com motorista tartaruga, evito a fadiga
Na vinte e três de maio o trânsito engarrafou
Mas como eu sou um veterano sei pra onde vou
(Rodrigo Ogi, 2009).

Nesse sentido, as duplas de discentes atentaram no primeiro tópico, “compreender como o avanço do capitalismo globalizante, em sua fase neoliberal, tem

moldado as relações sociais e de trabalho nas cidades”, destacando assim a exploração das relações de trabalho no bojo do sistema capitalista, que tem afetado uma parcela considerável da população brasileira. De acordo com os alunos, “o capitalismo induz a classe inferior a trabalhar mais e ganhar pouco”, relato de Marcos e Breno, e, de modo complementar, a dupla Luiza e Márcio ressaltam que “as medidas adotadas elevaram os índices de desemprego formal, a precarização nas condições de trabalho e a flexibilização dos contratos trabalhistas”. Com base na letra do *rap*, ainda acerca do primeiro tópico avaliado, a dupla Maurício e Marcela se debruçaram sobre a realidade da profissão de *motoboy*, discorrendo que “essa profissão é alvo de preconceito, além do perigo constante do trânsito”.

Nas respostas dos estudantes do 2º ano EJA, nota-se a capacidade crítica dos mesmos em discorrer sobre como o sistema capitalista atua em preservar a estrutura societária, onde os atores hegemônicos, juntamente com as classes poderosas e privilegiadas, tendem a ocupar o topo, e as pessoas humildes ficam na base da pirâmide social, consolidando assim uma hierarquia desigual e exploratória.

Sobre isso, é importante destacar uma situação observada no cotidiano das aulas ministradas para essa turma, pois, por se tratarem de alunos e alunas mais velhos que não conseguiram cumprir o ciclo básico de estudos no período pré-estabelecido, muitos deles já se encontram inseridos no mercado de trabalho (formal ou informal), enfrentando essa dura realidade e, assim, evidenciando-a em suas respostas.

Na resolução do segundo objetivo da atividade, sobre “analisar como as novas modalidades empregatícias, com destaque para a terceirização, têm influenciado a qualidade de vida e os ganhos financeiros dos trabalhadores”, foi possível observar nas respostas compiladas que houve unanimidade entre os estudantes de que se deve responsabilizar as empresas de aplicativos no que tange as garantias de seus funcionários (entregadores) e seus respectivos direitos trabalhistas. Como relatam Luiza e Márcio: “a empresa deve respeitar e cuidar dos seus empregados, prestadores de serviços no dia a dia de trabalho e até nas demissões”, demonstrando que tais empregos devem

seguir as legislações trabalhistas vigentes, pois assim possibilitará maior estabilidade empregatícia e, conseqüentemente, a melhoria da qualidade de vida.

E, por fim, a dupla Lucas e Hugo fizeram uma importante consideração: “os *motoboys* devem reivindicar seus direitos e correr atrás para melhores benefícios e, caso não ocorra, façam greve”. Logo, é possível destacar que os discentes abordaram a perspectiva de organização coletiva, analisando a capacidade político-social da classe trabalhadora em lutar por seus direitos e, além disso, a importância e legitimidade da greve como instrumento de pressão popular. Sobre esse fato, deve-se destacar o conteúdo retratado no documentário *Pandelivery*, que faz a descrição minuciosa das condições de trabalho dos entregadores no período da pandemia de COVID-19 e a denúncia da falta de assistência por parte das empresas de aplicativos de *delivery*, o que resultou em um levante popular que ficou conhecido como “Breque dos APPs”, iniciado na capital paulista e logo se espalhando por quase todas as capitais do país.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer dessa prática pedagógica, foi possível despertar o interesse dos alunos de ambas as turmas, sendo notório o esforço e comprometimento na execução das atividades, e destaca-se a importância do professor na orientação da tarefa para sanar possíveis dúvidas e elucidar sobre a proposta de trabalho, sendo assim satisfatório o resultado alcançado no que tange a consolidação do saber. Além disso, foi verificada a eficácia no estabelecimento de diálogos construtivos entre Geografia e Música, demonstrando a relevância metodológica propiciada pela interdisciplinaridade entre ciência e arte na constituição de um ambiente de ensino-aprendizagem estimulante e com ganhos didáticos, como foi observado nas respostas analisadas. Em relação aos resultados compilados dessas atividades, nota-se o desafio de ampliar a capacidade argumentativa e de construção textual dos estudantes, evitando respostas curtas.

Destaca-se a importância de incorporar as artes, em suas mais variadas

vertentes — cinema, fotografia, pintura, teatro e afins —, ao longo do processo de ensino de Geografia e também das demais disciplinas da educação básica. Em relação aos gêneros musicais empregados nessa prática de ensino, verificou-se a capacidade reivindicatória contida nas letras das músicas, tanto do *rap* quanto do *reggae*, possibilitando uma interpretação do processo globalizante e da fragmentação do espaço geográfico, por meio das relações socioespaciais, das vivências dos estudantes e da análise das canções, a partir de uma visão crítica e humanista — que é prerrogativa para uma aprendizagem construtivista.

Nesse sentido, a prática aqui apresentada é uma possibilidade didática para apreensão dos conhecimentos geográficos pelos alunos de educação básica em diferentes níveis, como visto no caso da consolidação do conceito de globalização e seus impactos no cotidiano das sociedades. Por fim, é importante destacar que tais práticas pedagógicas visando ao ensino de Geografia devem estar em constante evolução e adaptação no que diz respeito às metodologias de ensino-aprendizagem, deve-se ter o cuidado didático na condução da proposta, possibilitar a transposição didática, para que o conteúdo teórico se encontre na realidade vivenciada pelo discente, e, por fim, estabelecer consonância com as diretrizes curriculares de ensino.

AGRADECIMENTOS

Aproveitamos para agradecer à Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e à Universidade Federal de Minas Gerais e seus respectivos Departamentos, aos que os autores são vinculados, que possibilitaram o intercâmbio científico e de pesquisa para a produção deste artigo. Agradecemos também à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo fomento financeiro e à Escola Estadual Maurício Murgel, na figura dos alunos do 2º ano regular e 2º ano EJA, pelo apoio e comprometimento na execução das atividades.

REFERÊNCIAS

BRADLEY, L. **Bass Culture: la historia del reggae**. Madrid: Antonio Machado Ediciones, 2015.

BRASIL. **Lei 13.415, de 16 de fevereiro de 2017**. Altera as Leis n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional [...]. Brasília, DF: Presidência da República, 2017. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13415.htm. Acesso em: 03 ago. 2022.

BRASIL. **Resolução nº 3, de 21 de novembro de 2018**. Atualiza as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Brasília, DF: Conselho Nacional de Educação, 2018a. Disponível em: https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE_RES_CNECEBN32018.pdf. Acesso em: 04 ago. 2022.

BRASIL. **Resolução nº 4, de 17 de novembro de 2018**. Institui a Base Nacional Comum Curricular na Etapa do Ensino Médio (BNCC-EM). Brasília, DF: Conselho Nacional de Educação, 2018b. Disponível em: https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE_RES_CNECPN42018.pdf. Acesso em: 06 ago. 2022.

CHEVALLARD, Y. **La transposición didáctica: del saber sabio al saber enseñado**. Buenos Aires: Aique Grupo Editor, 1991.

CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Zeny. Literatura, música e espaço: uma introdução. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Literatura, música e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007. p. 07-16.

FUINI, L. L. O ensino da geografia e de seus conceitos através da música. **GEOGRAFIA**, Rio Claro, v.38, n.1, p. 93-106, jan./abr. 2013. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/7522>. Acesso em: 09 ago. 2022.

GODOY, M. L. P. de. **A música, o ensino e a geografia**. 2009. 44 f. Monografia (Graduação em Geografia) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009.

KAERCHER, N. A. A Geografia escolar: gigante de pés de barro comendo pastel de vento num fast-food. **Terra Livre**, Presidente Prudente, v. 1, n. 28, p. 27-44, jan./jun. 2007a. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/index.php/terralivre/article/view/220>. Acesso em: 13 ago. 2022.

KAERCHER, N. A. Práticas geográficas para ler pensar o mundo, converentendersar com o outro e entenderscobrir a si mesmo. In: REGO, Nelson, CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos e KAERCHER, Nestor André. (orgs.). **Geografia: Práticas pedagógicas para o ensino médio**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2007b. P. 35-48.

MINAS GERAIS. **Resolução nº 470, de 27 de junho de 2019**. Institui e orienta a implementação do Currículo Referência de Minas Gerais (CRMG). Belo Horizonte: Conselho Estadual de Educação de Minas Gerais, 2019. Disponível em: <https://www2.educacao.mg.gov.br/images/documentos/Resolu%C3%A7%C3%A3o%20n%C2%BA%20470%20de%2027.6.2019%20Curr%C3%ADculo%20Refer%C3%Aancia%20de%20MG.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2022.

MUNIZ, A. A música nas aulas de Geografia. **Revista de Ensino de Geografia**, Uberlândia, v. 3, n. 4, p. 80-94, jan./jun. 2012. Disponível em: <http://www.revistaensinogeografia.ig.ufu.br/N.4/Art6v3n4.pdf>. Acesso em: 07 ago. de 2022.

OLIVEIRA, V. H. N.; HOLGADO, Flávio Lopes. Conhecendo novos sons, novos espaços: a música como elemento didático para as aulas de geografia. *In: Geografia e Música: diálogos*. Natal: UDUFRN, 2016. p. 84-103.

PAGLIOCHI, J. *et al.* Investigação dos processos de transposição didática interna e externa do conteúdo "Misturas" para o ensino médio. **ACTIO: Docência em Ciências**, Curitiba, v. 1, n. 1, p.1-12, 2020. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/actio/article/view/10859/6992>. Acesso em: 08 ago. de 2022.

SILVA, G. S. A. **Sons da rua**: os territórios e territorialidades dos rappers da cena Hip-Hop belo horizontina na última década (2010-2019s). 2021. 188 f. Dissertação (Mestrado em Geografia - Tratamento da Informação Espacial) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

SILVA, R. S. **A importância da música nas aulas de geografia: Práticas e métodos diferenciados no uso da música como metodologia de ensino nas aulas de geografia**. 2015. 46 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2015.

SOARES, J.; BATISTA, E.; BRAGA, C. A música no ensino de geografia: propostas de aplicação na educação básica. *In: Congresso Internacional das Licenciaturas - COINTER*, 3, Vitória de Santo Antão. **Anais [...]** Pernambuco: IFPE, 2016. p. 1-12.

TEPERMAN, R. I. **Se liga no som**: As transformações do rap no Brasil. São Paulo: Ed. Claro Enigma – Grupo Companhia das Letras, 2015.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: A perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. Londrina: EDUEL, 2013.

VELLOSO, T. A música no ensino de Geografia: uma ferramenta de ensino e aprendizagem. **Revista Ponto de Vista**, v.9, n.3, p.57-74, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufrv.br/RPV/article/view/10458>. Acesso em: 07 ago. 2022.

CONTRIBUIÇÕES DE AUTORIA

1 – Glaycon de Souza Andrade e Silva

Geógrafo; Mestre em Geografia PPGG-TIE - PUC Minas; Doutorando em Geografia PPGG-TIE - PUC Minas

<https://orcid.org/0000-0002-4018-9253> • glaycongeografia@gmail.com

Contribuição: Aplicação da metodologia; Escrita – Primeira e segunda redação

2 – Deborah Cristina da Rocha

Geógrafa; Mestranda em Engenharia de Transportes - UFMG

<https://orcid.org/0000-0001-8860-739X> • deborahcristina@gmail.com

Contribuição: Concepção da atividade; Construção Metodológica

3 – Gleyber Eustáquio Calaça Silva

Geógrafo; Mestre em Geografia PPGG-TIE - PUC Minas; Doutorando em Geografia PPGG-TIE - PUC Minas

<https://orcid.org/0000-0002-6815-8854> • gleyber3001@gmail.com

Contribuição: Escrita – Segunda Redação; Organização dos quadros

4 – Luís Otávio Rocha Castilho

Geógrafo; Mestre em Engenharia de Transportes – UFMG; Doutorando em Geografia - UFMG

<https://orcid.org/0000-0003-0460-8294> • castilholuiis@gmail.com

Contribuição: Escrita – Segunda Redação

5 – Ewerton Ferreira Cruz

Engenheiro Ambiental, Doutor em Geografia PPGG-TIE – PUC Minas

<https://orcid.org/0000-0003-4099-716X> • ewertonengambiental@yahoo.com.br

Contribuição: Revisão; Formatação

COMO CITAR ESTE ARTIGO

SILVA, G. de S. A.; ROCHA, D. C. da; SILVA, G. E. C.; CASTILHO, L. O. R.; CRUZ, E. F.. Diálogo entre geografia e música: os gêneros *rap* e *reggae* na construção do conhecimento geográfico. **Geografia Ensino & Pesquisa**, Santa Maria, v.27, e71938, p.1-25, 2023. DOI: 10.5902/2236499471938. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2236499471938>. Acesso em: dia mês abreviado. ano.